

2. René Descartes

Numa das suas obras mais importantes, *Meditações Sobre a Filosofia Primeira*, Descartes anuncia o que o leitor irá encontrar em cada uma das seis meditações. Começa assim:

Na primeira [meditação] explico as razões por que **podemos duvidar de todas as coisas**, em particular das materiais, pelo menos **enquanto não temos outros fundamentos** das ciências além dos que até agora possuímos.

Descartes, *Meditações Sobre a Filosofia Primeira*, p. 97

O objectivo de Descartes é encontrar os fundamentos de todo o conhecimento: as crenças básicas em que se apoia todo o conhecimento. Enquanto não encontrar esses fundamentos, todo o conhecimento pode ser ilusório, o que daria razão aos cépticos. Assim, o trabalho de Descartes é mostrar por que razão os cépticos estão enganados. O que implica levar os seus argumentos muito a sério.

2.1. A dúvida metódica

Para mostrar que os cépticos estão enganados, Descartes propõe um método: a **dúvida metódica**.

- A **dúvida metódica** consiste em tomar como se fossem falsas todas as nossas crenças acerca das quais se possa levantar a mais pequena dúvida.

O objectivo da dúvida metódica é encontrar uma ou mais crenças **indubitáveis**.

- Uma **crença é indubitável** se não é possível duvidar dela.

Se o método funcionar, permitirá distinguir crenças de tal modo sólidas que nem o mais radical dos cépticos poderá recusar. Ora, se nem o mais radical dos cépticos pode duvidar de crenças assim, poderemos usá-las como fundamentos firmes para reconstruir, com base nelas, todo o nosso conhecimento. Essas crenças serão, pois, as crenças básicas que precisamos para justificar todo o conhecimento.

Em termos muito simples, o método funciona da seguinte maneira: se for possível duvidar de uma crença, então essa crença não pode ser usada como

fundamento do conhecimento. Isto não quer dizer que a crença seja falsa; apenas quer dizer que não pode ser fundacional ou básica. Assim, para encontrar as crenças fundacionais, Descartes tem de afastar todas as crenças em relação às quais se levante a mínima dúvida – mas não tem de provar que essas crenças são realmente falsas. Este é o primeiro aspecto da dúvida metódica.

Este método levanta um problema óbvio: o número de crenças que temos é muitíssimo elevado. Se fôssemos analisar as nossas crenças uma a uma, a tarefa seria interminável. Por isso, Descartes decide analisar os princípios fundamentais de cada um dos domínios do conhecimento. Se esses princípios mais centrais se revelarem falsos, todas as crenças baseadas neles terão de ser abandonadas. Este é o segundo aspecto da dúvida metódica.

Eis como, logo na primeira das suas famosas *Meditações*, Descartes explica estes dois aspectos do seu método:

Não será necessário provar que todas as minhas ideias são falsas, coisa que, em todo o caso, talvez jamais conseguisse levar a cabo. Mas porque a razão me persuade que devo evitar dar o meu consentimento de forma menos cuidadosa às coisas que não são completamente certas e indubitáveis do que às manifestamente falsas, basta encontrar a mais pequena razão de dúvida para as rejeitar todas. E, portanto, não preciso de examinar cada uma em particular, o que tornaria a tarefa infundável: porque uma vez minados os fundamentos, cai por si tudo o que sobre eles está edificado, atacarei imediatamente aqueles princípios sobre os quais as minhas antigas opiniões se apoiavam.

Descartes, *Meditações de Filosofia Primeira*, pp. 13-14

As crenças *a posteriori* vão ser as primeiras a submeter-se ao teste da dúvida metódica, como veremos na próxima secção.

2.2. A hipótese do génio maligno

Como vimos no **Capítulo 4** (secção 3.1), as crenças *a posteriori* são aquelas que justificamos através da experiência sensível, utilizando os nossos cinco sentidos. Por exemplo, acreditamos que o céu é azul porque vemos o céu azul. Ora, os nossos olhos, ouvidos, etc., enganam-nos muitas vezes, pois já nos fizeram tomar como verdadeiro aquilo que só depois verificamos ser falso, como é o caso das ilusões perceptivas e das alucinações. É certo que daí não se segue que nos enganem sempre. Mas segue-se que não podemos, em bom rigor, saber quando nos estão a enganar.

Compare-se com uma pessoa que nos mente, mas que só o faz às vezes. Poderíamos ter total confiança nessa pessoa? Claro que não. A situação é idêntica à das crenças baseadas nas nossas experiências sensíveis. Portanto, se podemos duvidar das crenças *a posteriori*, é porque elas não podem servir de base a todo o conhecimento.

Seguidamente, Descartes submete ao teste da dúvida metódica as crenças *a priori* e toma como exemplo as proposições da matemática. Acredito que $2 + 2 = 4$ e esta crença não é *a posteriori*, dado que pode ser justificada pela razão ou pensamento. $2 + 2 = 4$ é, pois, uma proposição que podemos conhecer *a priori*. Será que posso estar enganado quanto à verdade desta proposição? Recordemos que Descartes não está, para já, interessado em saber se estamos enganados, mas se é possível estarmos enganados. E quando se trata de possibilidades, a imaginação não deve ser silenciada. Assim, Descartes imagina um **génio maligno**, que nos engana sistematicamente.

A hipótese do génio maligno é uma **experiência mental**, através da qual Descartes nos convida a imaginar que existe uma espécie de deus enganador que, sem o sabermos, manipula os nossos pensamentos. Trata-se de um génio porque o seu poder é idêntico ao de um deus, mas não é um deus porque revela maldade ao querer enganar-nos.

Esse génio teria o poder de nos enganar sistematicamente, provocando em nós os estados mentais e as crenças que bem lhe apetecesse. O génio maligno conseguiria fazer-nos pensar que são obviamente verdadeiras proposições que afinal são falsas. Assim, uma crença do tipo $2 + 2 = 4$, que pensamos ser obviamente verdadeira, poderá, afinal, ser falsa em resultado do poder desse génio.

Note-se que Descartes não diz que as coisas se passam mesmo assim. Mas, visto que a possibilidade existe e que não dispomos de qualquer garantia que um tal génio não exista, este tipo de crenças *a priori* também não passam no teste da dúvida metódica.

Afinal, parece que Descartes acabou por conseguir duvidar mesmo de tudo. Será que resta alguma coisa? É o que veremos na próxima secção.

2.3. Penso, logo existo

Será mesmo possível estarmos enganados acerca de tudo? Descartes diz que não. Afinal há mesmo proposições que passam o teste da dúvida metódica. Eis o que diz Descartes:

Resolvi supor que tudo o que até então encontrara acolhimento no meu espírito não era mais verdadeiro que as ilusões dos meus sonhos. Mas, logo em seguida, notei que, enquanto assim queria pensar que tudo era falso,

eu, que assim o pensava, necessariamente era alguma coisa. E notando que esta verdade, *eu penso, logo existo* [*Cogito ergo sum*, em latim], era tão firme e tão certa que todas as extravagantes suposições dos cépticos seriam impotentes para a abalar, julguei que a podia aceitar, sem escrúpulo, para primeiro princípio da filosofia que procurava.

Descartes, *Discurso do Método*, p. 28

Descartes está a dizer-nos que não é possível duvidar da crença de «penso, logo existo». Assim, parece que através da dúvida metódica encontrámos finalmente uma crença fundacional ou básica. Descartes defende que o *cogito* é uma crença básica: uma certeza inabalável.

- Chama-se *cogito* à crença «penso, logo existo».

Descartes defende que o *cogito* é uma certeza que não se descobre por meio do raciocínio, nem se infere de coisa alguma. Trata-se de uma intuição racional; uma evidência que se impõe ao pensamento como absolutamente clara e distinta.

É importante registar o facto de Descartes falar na primeira pessoa. De facto, Descartes quer dizer «eu penso, logo existo» e não «Descartes pensa, logo existe». Só a primeira proposição passa o teste da dúvida. Cada um de nós sabe sem dúvida possível que pensa, logo existe, mas daí não se segue que possa saber o mesmo acerca de qualquer outra coisa além de si.

«Penso, logo existo» é uma certeza que nenhuma dúvida pode abalar, pensa Descartes. Mas porquê? A resposta é a seguinte:

E tendo notado que nada há no *eu penso, logo existo*, que me garanta que digo a verdade, a não ser que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir, julguei que podia admitir como regra geral que é verdadeiro tudo aquilo que concebemos muito claramente e muito distintamente, havendo apenas alguma dificuldade em notar bem quais são as coisas que concebemos distintamente.

Descartes, *Discurso do Método*, pp. 28-29

Assim, depois de descobrir uma crença fundacional, Descartes pergunta-se que característica tem essa crença que a torne indubitável. E a resposta é que essa crença, o *cogito*, é uma **ideia clara e distinta**.

- Uma **ideia clara e distinta** é uma ideia que não se apresenta com tal evidência ao nosso espírito que não podemos duvidar da sua verdade.

Através da dúvida metódica Descartes pensa ter descoberto duas coisas:

1. O *cogito*, isto é, uma crença fundacional.
2. O critério da clareza e distinção, que permite distinguir as ideias verdadeiras das falsas.

Note-se que a clareza e distinção não é um critério empírico ou *a posteriori*, mas racional ou *a priori* (por isso Descartes fala em *conceber*, e não em ver, ou sentir, ou perceber). Munido deste critério, Descartes vai procurar outras ideias que consiga conceber clara e distintamente.

Por exemplo, «está uma folha à minha frente» não é, para Descartes, uma ideia clara e distinta, pois posso estar a sonhar ou a ter uma alucinação. Mas «parece-me que está uma folha à minha frente» já é uma ideia clara e distinta, pois não consigo conceber como posso estar enganado. Ainda que esteja com alucinações e não haja qualquer folha à minha frente, é verdade que me parece que há uma folha à minha frente. Esta é uma crença na primeira pessoa (acerca de mim próprio) e é clara e distinta, portanto verdadeira. Mas «está uma folha à minha frente» não é na primeira pessoa (não é acerca de mim), e não é clara e distinta. As crenças fundacionais são sempre, para Descartes, crenças na primeira pessoa.

2.4. Deus existe

Vimos como Descartes chega à crença básica de que precisa para responder ao céptico. Contudo, uma coisa é estabelecer os fundamentos e outra diferente é construir algo sobre eles. A tarefa seguinte de Descartes consiste em deduzir uma quantidade enorme de proposições verdadeiras acerca do mundo a partir dos alicerces fornecidos pelas crenças fundacionais. Tarefa árdua, pois não se percebe ainda como é possível derivar o conhecimento acerca do mundo a partir de crenças acerca de mim próprio.

Inferir, por exemplo, que está uma folha à minha frente de «parece-me que está uma folha à minha frente» é incorrecto, caso contrário nada haveria de errado com as alucinações. É preciso algo mais. Por isso Descartes vai ter ainda de acrescentar um outro pilar importante, sem o qual nunca poderia ter a garantia de que não está enganado quando concebe algo clara e distintamente: esse pilar é Deus.

Mas como sabe Descartes que Deus existe? Antes de mais, descobre que possui a ideia de perfeição a partir da sua consciência de que ele próprio é um ser imperfeito, na medida em que se engana. Ora, Descartes não poderia ter a consciência de que é um ser imperfeito se não tivesse em si a ideia de perfeição. Assim, vê com clareza e distinção que a sua ideia de Deus é a de um ser perfeito. Com a mesma clareza e distinção vê ainda que a causa da ideia de perfeição não pode vir de um ser imperfeito. E conclui que tem de

haver um ser perfeito, ou seja, que Deus existe. Considera assim demonstrada a existência de Deus.

Uma vez que Deus existe, nenhum génio maligno o pode incomodar. Deus é por definição bom e não o pode querer enganar, o que garante, assim, a verdade das ideias que concebe clara e distintamente e a correcção dos seus raciocínios. A partir daí, Descartes já pode deduzir muitas verdades e construir com segurança o edifício do conhecimento. Pode agora saber que tem um corpo, que existem outras pessoas, que há árvores e estrelas, etc. O perigo do cepticismo desapareceu.